

# Sinuosidades do garimpo ilegal e matanças em Cabo Delgado

EGÍDIO PLÁCIDO

O norte da província de Cabo Delgado passou de sonho a pesadelo. Rico em recursos naturais, a região é neste momento palco de ataques terroristas que desde 2017 já fizeram mais de 1500 mortos e vários deslocados, sobretudo nos distritos de Macomia, Muidumbe, Nangade, Palma, Quissanga e Mocimboa da Praia.

O terror que desgracia as populações locais tem ligação com os jihadistas islâmicos do Al-shabab, que em vários pontos do Continente Africano semeia luto. Há a percepção de que seja este mais um caso de maldição dos recursos. O gás, rubis e outros minérios estão em quantidades inestimáveis em Cabo Delgado, entretanto, o garimpo e comércio ilegal de rubis no distrito de Montepuez têm sido, também, apontados como um dos possíveis meios de financiamento do terrorismo.

É que, curiosamente, o terrorismo apareceu depois da mega-operação de expulsão de garimpeiros ilegais, sobretudo estrangeiros, na sua maioria tanzanianos, somalis e tailandeses, bem como alguns nacionais que não tinham documentos e nem residência fixa em Montepuez. A última grande operação ocorreu em Fevereiro de 2017.

O Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique, Bernardino Rafael, que recentemente liderou a comitiva de jornalistas que visitou alguns distritos destruídos pelo terrorismo, entende que pese embora não se possa estabelecer uma ligação directa com a actividade do garimpo ilegal pode-se fazer algumas conexões.

“A relação directa não, mas a económica pode existir. Vocês devem saber que a fonte de rendimento de qualquer tipo de conflito passa necessariamente pelos recursos naturais, florestais, até o tráfico de drogas. Aqui é só fazer conexões. Garimpo sempre existiu, mas não teve essas repercussões. Agora, tendo em conta aquilo que acontece podemos dizer que existem estas ligações como fonte de financiamento do terrorismo”, disse Bernardino Rafael.

Para o Comandante da Polícia, os terroristas encontram várias fórmulas de se financiar, incluindo a utilização de algumas pessoas das comunidades.

“Os terroristas agem da mesma maneira como agem os raptadores. Os raptadores têm os executores que são pagos que devem executar. Se você não executa está condenado. Não tem nada que fazer porque já recebeu o dinheiro. Alguns são raptados nas cidades e vilas porque receberam dinheiro, mas não cumpriram com o que eles mandaram. Você recebe este dinheiro, mas tanto por cento tem que passar porque o dinheiro é deles. Se não cumprir vai ser raptado. É este tipo de problema que existe dentro do terrorismo”, explica Rafael.

## Situação sinuosa

Isaura Máquina, administradora de Montepuez, diz que apesar do trabalho de limpeza dos garimpeiros ilegais naquele ponto do país, a situação está longe de ser controlada.

A fonte argumenta que os tribunais estão neste momento pressionados e faltam juizes para julgar os criminosos, para não falar de milhares de garimpeiros que acabam encontrando a morte nas minas.

Acrescenta que a nível local não há solução à vista por causa da complexidade dos casos.

“A situação do garimpo é sinuosa e é um desafio. Só nós, a nível do distrito, não teríamos capacidade de resolver. Temos tido brigadas de nível provincial que trabalham com vários sectores agregados. O que nós fazemos é continuar a sensibilizar as nossas populações para reiterar a vigilância, mas não se empenhar nesta actividade de garimpo ilegal, terem associações. Temos algumas organizações da Sociedade Civil que fazem várias palestras e trabalham connosco na disseminação da legislação de minas e de como fazer garimpo legal. Só que por causa de esta actividade ser muito apetecível para muitas pessoas é difícil a gestão”, começou por explicar a fonte.

A administradora de Montepuez acrescenta que o grande



problema que o distrito encontra para pôr cobro à situação tem ainda a ver com a vulnerabilidade dos homens da Lei e Ordem, devido a “fertilidade económica” que o garimpo acarreta.

A administradora explica que não são raras as vezes em que a Polícia é corrompida, principalmente pelos receptores dos produtos providos do garimpo ilegal, mas diz não se tratar de questões institucionais, mas sim comportamentais dos agentes.

“Aos receptores temos brigadas a nível da PRM que vão para saber da legalidade da compra. Mas por causa da sinuosidade é muito corruptível e cria alguma fragilidade das nossas FDS, que são elas que têm que garantir que a actividade do garimpo ilegal não seja feita no nosso distrito. Portanto, é muito delicado gerir esta situação. Temos alguns que continuam firmes. Mesmo em relação ao garimpo, pensa-se que tem lá na empresa (Montepuez Ruby Mining) pessoas que facilitam a entrada. É uma questão de comportamento”, concluiu a fonte.

## Drama social

Enquanto por um lado tenta-se defender os recursos naturais contra a pilhagem ilegal, sobretudo por estrangeiros, há, por outro, um drama social

onde estão os seus familiares. A reportagem do Zambeze conversou com Sirage Aruna, oriundo da aldeia de Nacopa, em Quissanga. Aruna está aco-

modado no Centro Agrário de Metige, um dos cinco centros existentes, e explica a sua situação dramática: “Nós viemos aqui por causa destes malfeitores que estão a nos atacar cada vez mais”, começou por explicar a nossa fonte, com ar de muita preocupação e sinais exteriores



por resolver. Milhares de deslocados perderam quase tudo; familiares decapitados, casas queimadas, machambas pilhadas pelo terrorismo. E neste momento precisam de tudo. Para eles, o pouco é muito. Alguns só ficaram com roupa de corpo e nem sequer sabem

de preocupação sobre o futuro incerto a que está votado. “Vivo aqui eu, os meus quatro filhos e com a minha mulher somos seis”, começou por explicar.



“Para nós, sairmos da nossa aldeia é porque as casas foram queimadas, mas como não havia soldados não houve confrontação. A comunidade estava sozinha, fugimos para o mato e eles vieram à nossa trás e conseguiram matar quatro pessoas”, acrescentou.

Num outro desenvolvimento, Aruna, um dos poucos que se expressa fluentemente em português no centro de acomodação, disse que um dos grandes dramas por que passam muitas famílias ali acomodadas tem a ver com a falta de esteiras para dormir, optando por dormir no chão.

“Chegamos aqui no dia 01 de Maio. Queremos voltar mas não há segurança. Queremos um sítio mais seguro para vivermos. Aqui vivemos no sofrimento, o que mais nos incomoda é dormir no chão e com as crianças é muito lamentável. Graças a Deus os apoios para alimentação vindos dos governos provinciais e nacionais têm chegado”, disse a fonte.

No Centro Agrário de Metige também há um misto de sentimentos. Sofrimento mas também alegria. Naquele local, pelo menos cinco crianças nasceram. São bebês que nasceram no auge do sofrimento, mas porque a hora de vir ao mundo por vezes não se escolhe, eles nasceram.

É o caso da pequena Amina Saquina que nasceu a 18 de Setembro passado. A mãe é também uma menor de idade. Tem apenas 16 anos e chama-se Ancha Aiquide.

“Quando os terroristas chegaram tive que correr, embora eu estivesse grávida. Me escondi no mato, juntamente com a minha família”, explicou a mãe de primeira viagem.

Ancha, que viveu longos anos da sua vida na cidade de Pemba, antes de regressar à sua aldeia, no distrito de Quissanga, diz ter o sonho de

ver a sua filha crescer num ambiente calmo e sem terror. “Espero que isto tudo aca-

passar e nem ver aquilo que vi. Ainda sou menor, quero também voltar a estudar. Eu



be para voltarmos à nossa aldeia. A minha filha não deve

estava na 10ª classe quando parei de estudar”, disse Ancha.